

POR PATRICK SELVATTI

Mariana Sena está vivendo um dos anos mais decisivos de sua trajetória artística. Aos 31 anos, a atriz nascida em São Bernardo do Campo, no ABC Paulista, alcança um feito raro na carreira de qualquer intérprete: estreia simultaneamente no horário nobre da TV Globo, nos cinemas e em uma série de plataforma de streaming. Mas é na pele de Elenice, a dona de casa subjugada por um casamento abusivo na novela *Quem ama cuida*, que Mariana encontra o papel mais denso e socialmente relevante de seus 10 anos de carreira.

A personagem é o epicentro de uma trama que expõe as engrenagens silenciosas da violência doméstica — um tema que, para a atriz, transcende a ficção. “A Elenice tem uma responsabilidade social muito grande. Esse mergulho nas estatísticas foi necessário para reafirmar em mim a responsabilidade que é ter uma personagem como essa nas mãos”, afirma Mariana à *Revista*.

Para compor Elenice — mãe de Dafne, esposa de Tom (Allan Souza Lima) e mulher que encontra felicidade em servir a família, mesmo quando isso significa anular a própria identidade —, Mariana precisou ir muito além da decupagem de cenas. O processo de construção exigiu um mergulho em realidades distantes da sua, mas assustadoramente próximas.

“A Elenice é uma mulher que vive em função da casa, em função do marido. Ela é feliz em ser dona de casa, em ter aquela família, e em servir”, descreve a atriz, que precisou entender as nuances de uma hierarquia conjugal que ela própria, mulher de 31 anos com formação universitária e bagagem teórica, nunca experimentou de forma tão radical. “Precisava entender as diferenças entre mim e uma mulher que todos os dias acorda para servir o marido”, pondera.

A pesquisa para compor a personagem criada por Walcy Carrasco e Claudia Souto não se limitou à psicologia individual. Mariana debruçou-se sobre estatísticas de feminicídio,

dependência financeira e emocional, e os mecanismos que mantêm milhões de mulheres presas a ciclos de violência. “Infelizmente, tem várias pessoas que vivem ao meu redor que já viveram ou ainda estão nesse tipo de relação”, revela, sem disfarçar o incômodo.

A relação de Mariana com Elenice extrapola os limites do estúdio. Nas redes sociais, especialmente no X (antigo Twitter), a atriz tem recebido uma enxurrada de depoimentos — alguns aflitivos, outros esperançosos. “Recebo não só depoimentos de pessoas que viveram esse tipo de relacionamento, mas pessoas que conseguiram se identificar com a Elenice e estão se entendendo dentro desse processo de relacionamento tóxico”, conta. Porém, o reconhecimento

vem acompanhado de um peso que a atriz carrega com cuidado. “É uma responsabilidade muito grande conversar com uma pessoa que está vivendo um ciclo de violência”, admite.

“O feminicídio começa com um ‘não’ da vítima para o agressor, que não aceita a negativa e a emancipação da pessoa”, enfatiza Mariana. Por isso, ao abordar a complexidade do problema, em vez de oferecer soluções simplistas, a atriz tem direcionado as mulheres a canais oficiais de ajuda, como o Disque 180, a assistente virtual Angela e a plataforma Não era amor, especializada em psicoterapia para vítimas de relacionamentos abusivos. “Sinto que essa personagem tem a missão de trazer esse despertar para as Elenices espalhadas pelo Brasil”, reflete.

